

# Quércia prepara a sucessão

Ricardo A. Setti

O governador de São Paulo, Orestes Quércia, desembarca no próximo fim de semana de uma viagem de 18 dias à Europa Oriental, segundo notícias de amigos, com a cabeça descansada. Estará, pois, em forma, para atirar-se, com afinco, à mais delicada tarefa de costura política que lhe restou depois que fracassaram as atrapalhadas gestões de amigos e correligionários que visavam transformá-lo no candidato do PMDB à Presidência da República: a de começar a coordenar a sua própria sucessão à frente do mais rico, poderoso e influente estado da Federação.

O governador precisava da viagem. O programa, repleto de desimportâncias tediosas — conhecer o sistema de bondes de Praga, na Tcheco-Eslováquia, por exemplo — foi porém suficientemente flexível para que Quércia, em companhia da mulher, Alaide, descansasse e espairecesse. Amigos e colaboradores próximos contam que o governador estava tenso e agastado antes de viajar. A razão foi o torvelinho em torno de seu nome como candidato. “Ele foi curar a ressaca da convenção do PMDB”, confidencia um dos políticos em que Quércia deposita mais confiança. O governador chegou a empolgar-se com a hipótese de ser o cabeça de chapa do PMDB, e, na intimidade, tem amargas queixas contra o deputado Ulysses Guimarães, pelo que considera sua intransigência em insistir numa candidatura vista por largas faixas do partido como de difícil desempenho eleitoral.

Essas queixas Quércia não vai colocar em público, sobretudo nos próximos e duros meses de campanha pró-Ulysses. O governador pretende botar a mão na massa pelo candidato do PMDB, mas dedicará o melhor de suas forças a resolver o crucial problema de quem vai indicar e apoiar para a sua sucessão. “Não se comprometa com nenhum nome, espere a minha volta”, disse ele antes de viajar, praticamente repetindo as mesmas palavras, a vários secretários de Estado, deputados estaduais e dirigentes do PMDB.

Parece cedo para Quércia já se mexer nessa direção — afinal, as eleições para governador só ocorrerão em novembro de 1990, ou seja, daqui a mais de 17 meses. Parece, mas não é. Na verdade, Quércia é matreiro o suficiente para perceber o *timing* do início de sua mexida nos cordéis do PMDB paulista. O raciocínio por trás dessa decisão é compreensível e consistente. O governador deve se afastar do poder em maio do próximo ano — daqui a 11 meses, portanto — para candidatar-se ao Congresso. É uma exigência da Constituição. Pode concorrer ao Senado, mais provavelmente disputará na Câmara dos Deputados, mas o fato é que Quércia precisa de uma cadeira no Parlamento para estar de posse de um mandato durante a briga pela sucessão do sucessor do presidente José Sarney, no longínquo 1994. Como se afastará do cargo em maio de 1990, se deixar para coordenar sua sucessão no começo do ano, irá



fazê-lo como um governador em final de mandato, um *lame duck* (literalmente, “pato manco”), como reza a gíria política americana, alguém que terá dificuldades de ser prontamente servido pelo contínuo que traz o cafezinho, conforme a tradição brasileira.

É melhor, portanto, começar logo. Agora, ainda no auge do poder no estado, e estando prestes a começar a cortar uma série de fitas de inauguração de obras, é que é hora de arregaçar as mangas. Além do mais, trabalhar na campanha presidencial, nos palanques do doutor Ulysses será sempre uma boa chance para pôr em andamento o nome de seu favorito, seja ele quem for. A campanha é ótima para ir amarrando lealdades, assegurando compromentimentos e recursos.

O jogo de 1990, portanto, deve começar logo em São Paulo, o escolhido, só Deus e Quércia sabem, no momento, quem vai ser. Tratar-se-á de um milagre se for o vice-governador Almino Affonso, aspirante diligente e declarado ao cargo. Não deve ser. Os dois se compuseram durante a campanha de 1986, que elegeu Quércia. Almino procurou desde então perfilar-se ao lado dos interesses do governador, é verdade que nem sempre com conforto, mas ambos pertencem a correntes distintas do PMDB e passaram, a partir de determinada altura do mandato, a percorrer caminhos inevitavelmente separados. Almino, realista, trabalha duro dentro do partido, arrostando maioneses nos fins de semana por todo o interior, e o máximo que pretende, a esta altura, é não ser vetado pelo governador. Suas críticas a Quércia, publicadas pela *Folha de S. Paulo* na semana passada, não vão ajudar em nada, por mais que o vice-governador julgue que suas palavras foram publicadas “fora de contexto”, como insistiu ao longo dos últimos dias.

Um candidato considerado “lógico” por muita gente do PMDB é o secretário de Obras, João Oswaldo Leiva, que foi derrotado no ano passado na disputa pela Prefeitura de São Paulo, ficando atrás da hoje prefeita Luiza Erundina, do PT, e do ex-deputado Paulo Maluf, do PDS. Leiva é velho amigo de Quércia, sua lealdade está acima de questão e ele tem uma imagem de trabalhador e tocador de obras. O estigma da derrota já está um tanto apagado pelas duras realidades que a prefeita Erundina enfrenta para fazer sua administração decolar.

Nada garante que Leiva será candidato, é claro. Não falta quem o considere pesado, ruim de voto. Mas diversos políticos próximos ao governador chamam a atenção para uma característica de uma eventual candidatura Leiva que a tornaria atraente aos olhos de Quércia: se eleito, o hoje secretário não teria brilho próprio para ambicionar futuros vôos presidenciais, mesmo pilotando um colosso como São Paulo. Não atrapalharia, portanto, os planos do próprio Quércia quanto ao Palácio do Planalto em 1994, ao contrário do que o governador está convencido de que ocorreria com o vice Almino Affonso.

A ver, O importante a assinalar é que, com a campanha de 1989 ainda decolando, a de 1990, em São Paulo, já vai começar a mover suas engrenagens.